

## Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação

Revista Rosa dos Ventos –

Turismo e Hospitalidade

6(3) 342-355, jul-set, 2014

© O(s) Autor(es) 2014

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

Programa de Mestrado em Turismo

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



Maria Luiza Cardinale Baptista<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente texto apresenta a proposição da ‘cartografia de saberes’ como orientação da estratégia metodológica para o planejamento da pesquisa em Turismo. Trata-se de abordagem transdisciplinar, alinhada aos pressupostos teóricos da Ciência Contemporânea, na perspectiva complexo-sistêmica. Nesse sentido, o texto discute o cenário de mutação da Ciência, marcado pela incerteza, pela lógica processual, de constante transformação. Considera esses fatores associados à *caosmose sociomidiática* e informacional, que também interfere nas produções investigativas em geral, atingindo, dessa forma, também o Turismo. Além das visões de Morin, Capra e Boaventura Souza Santos, na perspectiva geral, quanto à Ciência, a proposição da cartografia é feita a partir da *esquizoanálise*, principalmente com base em autores como Félix Guattari, Gilles Deleuze e Suely Rolnik. O texto discute a produção de investigações, a partir de uma metodologia que considera a lógica de ‘fazer fazendo’ e que se orienta por decisões que emergem no campo da pesquisa. A cartografia de saberes, como prática investigativa, está fundamentada em 25 anos de investigação científica, docência em Metodologia da Pesquisa, orientação em pesquisa e supervisão de textos acadêmicos em diversos níveis e áreas do conhecimento, bem como na experiência atual realizada no Centro de Ciências da Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Turismo, na Universidade de Caxias do Sul, como docente e pesquisadora.

**Palavras-chave:** Turismo.

Metodologia. Pesquisa. Cartografia. Saberes. Afetivações.

<sup>1</sup> **Maria Luiza Cardinale Baptista** – Doutor. Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e dos cursos de Comunicação Social da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: [malu@pazza.com.br](mailto:malu@pazza.com.br)

## ABSTRACT

**Cartography of knowledges in Tourism Research: Methodological Propositions for a Changing Science** - This paper presents a proposition for a 'cartography of knowledges' as a methodological strategy guidance for planning of research in tourism. It is a transdisciplinary approach, aligned with the theoretical assumptions of Contemporary Science in complex-systemic perspective. The text discusses the scenario of change in science, marked by uncertainty and by process logic of constant transformation. It considers those factors associated with socio-media and informational chaosmosis, which also interferes with investigative productions in general, thus reaching tourism as well. In addition to the visions of Morin, Capra and Boaventura de Souza Santos regarding its general perspective about science, the proposition of this cartography is based on schizoanalysis, based mainly on authors such as Félix Guattari, Gilles Deleuze and Suely Rolnik. The text discusses the production of investigations from a methodology that considers the logic of 'doing by doing' and that is guided by decisions that emerge in the research field. As a research practice, the cartography of knowledges is based on 25 years of scientific research, teaching of Research Methodology, supervision of research and academic writing at several levels and areas of knowledge, as well as on the current experiment at the Center for Communication Sciences and the Master's Program in Tourism at the University of Caxias do Sul, as a teacher and researcher.

**Keywords:** Tourism. Cartography. Knowledge. Affectations. Research.

## PLATÔ INICIAL

A proposta deste texto é a de partilhar a proposição da cartografia de saberes, como orientação para o estabelecimento de uma estratégia metodológica, passível de ser aplicada na pesquisa em Turismo. Ao longo desses anos de docência, ao conceber a cartografia de saberes como método e ao apresentá-lo a estudantes das mais diversas áreas de estudo, em nível de graduação e pós<sup>2</sup>, tenho percebido sua potência para criar uma sistematização, sem aprisionamento. Mais que isso, a cartografia de saberes ajuda o estudante a enfrentar a

---

<sup>2</sup> Apesar da origem na Comunicação, a proposição está sendo feita como docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul e também decorre da experiência, como docente, em diversos Cursos de Pós-Graduação, em nível de Especialização, desenvolvendo disciplinas e oficinas ligadas à Escrita Acadêmica e Produção de Autoria. Entre essas áreas, destacam-se: Educação (UFRGS), Medicina (UFRGS), Psicologia (UNISINOS) – mais um grupo transdisciplinar, com profissionais de várias áreas da Saúde, em um Curso de Humanização do SUS (UFRGS). Em Comunicação, a perspectiva cartográfica, como proponho, foi trabalhada em cursos de Pós-Graduação da ULBRA, em Canoas, RS, e em Palmas, no Tocantins, e em seminários e oficinas na Universidade Federal do Ceará. Desde 2010, uma aproximação com a Universidade Federal do Amazonas também tem representado a constituição de um dos territórios de desenvolvimento de cartografias e o florescimento de pesquisas sob essa orientação.

fatídica situação, sintetizada nas perguntas: ‘por onde começar?’ e, depois, ‘o que fazer com tantas informações?’.

Para tanto, é preciso começar a entender o próprio conceito de *cartografia*, que está sendo utilizado aqui, tendo como base a perspectiva *esquizoanalítica* e sua expressão em texto de Suely Rolnik (1989). Para a autora, o cartógrafo não tem ‘um método’, mas critérios que o orientam. A palavra cartografia, então, está sendo utilizada como uma espécie de mapa complexo e mutante, que se faz acompanhando a ‘mudança da paisagem’ (Rolnik, 1989). Assim não existe ‘um’ único caminho, mas o que eu denomino de ‘trama de trilhas’ e possibilidades a serem acionadas. São pistas que cada pesquisador vai compondo, numa espécie de trama metodológica, ao compreender mais profundamente o fenômeno que está estudando. Essa composição implica em mergulho no objeto/fenômeno escolhido para estudar e no conhecimento já produzido a respeito, por outros investigadores, bem como no reconhecimento e a efetivação, possíveis com a vivência da pesquisa. A trama investigativa, então, vai se compondo de saberes e inquietudes pessoais que possam ter significados sociais e para as áreas de conhecimento envolvidas; saberes dos outros (teóricos e das experiências compartilhadas) e a vivência mesma no campo da pesquisa, no que eu chamo de ‘chão de fábrica’, no sentido de usina de produção de saberes, no nosso caso, a respeito do Turismo.

O texto traz a perspectiva transdisciplinar, marcada pelas orientações da Ciência Contemporânea. Isso significa, ao mesmo tempo, permeabilidade na interação dos saberes – por isso, a palavra ‘saberes’, no plural – e, também, flexibilização no conceito de método, que deixa de ser ‘o’ caminho, para ser direcionado à perspectiva plural e complexa, a que venho me referindo. Isso não significa o abandono dos conhecimentos metodológicos consolidados, mas, ao contrário, implica a sua consideração abrangente para a realização de escolhas. A Cartografia de Saberes é particularmente recomendada à perspectiva da pesquisa qualitativa ou que busca a profundidade e complexidade de abordagens, mesmo que utilize, também, métodos e técnicas quantitativas. A questão é mais de orientação epistemológico-teórica, do que metódica, propriamente dita.

Está presente, na proposição, a associação entre a investigação e a metáfora de viagem intelectual, o que justifica a palavra ‘trilha’, na expressão ‘trama de trilhas’. Assim, começa a se delinear, desde essa palavra, a ideia de que não se trata de propor um método, como caminho seguro, calcado em certezas e pressuposições, mas de esboçar o ‘desenho’ de uma estratégia metodológica, como potências de devires ‘linhas de fuga’<sup>3</sup>, que podem ser acionadas pelo investigador, ao longo do percurso da pesquisa. Considera-se, portanto, a dimensão de subjetivação da pesquisa, como potência de produção, de afetivação, de mobilização para a realização do ‘percurso investigativo’. Esse aspecto também diz respeito ao cenário de mutação da Ciência, um dos primeiros trabalhados neste texto.

Para seguir viagem neste texto, é importante compreender, também, o sentido da palavra *inscriacional*, já apresentada em outros textos (Baptista, 2011, 2012), atribuída às práticas de pesquisa e que também tem como substrato teórico a *esquizoanálise*. Trata-se de neologismo,

---

<sup>3</sup> A expressão está sendo utilizada, aqui, no sentido da esquizoanálise, representando a busca de caminhos alternativos, e não a fuga no sentido cotidiano em que o termo é empregado. Linhas de fuga, para a perspectiva teórica considerada neste texto, são delineamentos de potencialidades que se escapam à linha dura, essa, por sua vez, composta como estrada principal, endurecida, cristalizada pela estrutura, pelo sistema que a constitui. Linhas de fuga, então, representam saídas do convencional e acionamento de potencialidades criativas, e não ‘escape por medo’ (Guattari & Deleuze, 1995; Guattari, 1987; Guattari & Rolnik, 1986).

para representar os acionamentos desejantes do sujeito, no sentido de investig[ações], que permitam inscrever, criar e produzir ações voltadas a devires conhecimentos, pesquisas, devires processos no Turismo. Nesse sentido, a lógica inscricional afetivante se propõe como algo que aciona os afetos, as pulsações do que Rolnik (1989) chama de *corpo vibrátil do sujeito*, levando-o, desse modo, à produção de vida, às produções que o provoquem, continuamente, a continuar produzindo. Essa produção, por sua vez, com essa potência *inscricional*, de produção de autoria e reconhecimento de si, lhe dá alegria e renova a sua própria potência de criação, de produção de mais pesquisas. O que está em jogo, portanto, é a orientação de mobilização desejante dos produtores de conhecimento em Turismo, dos sujeitos que fazem as investigações científicas, no sentido de oferecer-lhes uma orientação metodológica mais humana e coerente com o cenário caosmótico que caracteriza a trama das relações humanas, econômicas, dos sujeitos e operadores do Turismo. Assim, com essa minha proposição, na perspectiva da Cartografia de Saberes, a metodologia deixa de ser uma engrenagem dura e rígida, definida *a priori*, e passa a ser construída no processo, a partir de sinalizadores.

Estou tratando, portanto, de uma proposição que vai em direção contrária ao que Husserl diagnosticou como tarefa cega e que Morin resgata em seu livro *Ciência com consciência*. Morin (2013) explica, a partir de Husserl, que “a eliminação do sujeito observador, experimentador e concebedor da observação, da experimentação e da concepção eliminou o ator real, o cientista, homem, intelectual, universitário, espírito incluído numa cultura, numa sociedade, numa história” (p.21). Estou propondo, aqui, então, o resgate de autoria, do reconhecimento de que o pesquisador, o cientista, é sujeito do seu tempo e de sua história e de seu contexto. Desse modo, também ele é forjado nas engrenagens maquinicas de sistemas maiores que se interpenetram e travam ou impulsionam, segundo forças e interesses globais, nem sempre afeitos a esse mesmo sujeito.

Vale salientar, contudo, que defender uma ciência inscricional não é propor uma produção investigativa individualista, nem tampouco emocional, no sentido pueril, mas reconhecer que somos sujeitos desejantes, sujeitos de afetos e mobilizados pelas forças todas desses afetos que nos põem no mundo, em contato, com outros seres e com as engrenagens maiores de produção, em todos os sentidos e, claro, portanto, também de produção da Ciência.

Orienta a discussão, ainda, a diferenciação entre a *metodologia da pesquisa* e *metodologia na pesquisa*, apresentada por Lopes (2005), quando ela atribui à *metodologia da pesquisa* uma dimensão maior, que engloba os pressupostos epistemológicos e teóricos, além das questões metódicas e técnicas de pesquisa, propriamente ditas, inerentes à *metodologia na pesquisa*. Para a autora, em síntese, há quatro dimensões a serem consideradas: epistemológica, teórica, metódica e técnica. A Cartografia de Saberes tem sido construída nessa perspectiva ampla. Não é apenas um conjunto de técnicas, mas de orientações para a vida da pesquisa, para a prática viva e intensa da produção investigativa.

Para a proposição metodológica cartográfica, oriento-me pelas quatro dimensões propostas por Lopes – instância epistemológica, teórica, metódica e técnica. Procuo demonstrar seus entrelaçamentos, iniciando com a discussão do que eu chamo de Ciência Transdisciplinar Caosmótica, para, em seguida, apresentar as linhas da Cartografia de Saberes. Entendo que o pesquisador em Turismo, como viajante intelectual nos caminhos da sua proposição investigativa, precisa saber que mundo é esse, o da Ciência contemporânea. Nesse cenário, a investigação em Turismo se produz em um ambiente em que as fronteiras de áreas de saberes, no sentido de delimitações, agora significam porosidades e zonas de aproximações. Fronteiras

teóricas são zonas de passagem. Desse modo, a Ciência em torno do Turismo deve ser percebida, cada vez mais, pelo seu caráter transdisciplinar e mutante, do ponto de vista teórico e metodológico. Cartografar, assim, é mapear universos de estudos turísticos em transmutação. Para tanto, começamos tentando compreender como a Ciência se faz em processos de caosmose – caos, osmose no cosmo.

### **CIÊNCIA TRANSDISCIPLINAR CAOSMÓTICA**

A Ciência contemporânea é caosmótica, mas, o que significa afirmar isso? Caosmose é um termo que trago de Félix Guattari (1992), de um livro que leva este título. Livro denso e complexo, mas que é impressionante, do ponto de vista dos ensinamentos. A sinalização da tríade caos-osmose-cosmo ajuda a refletir também sobre a produção científica, sobre a subjetivação e sua potência na contemporaneidade, sobre os desafios dos cenários mutantes, por excelência. Caos-osmose-cosmo. Mundo em mudanças exacerbadas, o que evidencia o caos e, ao mesmo tempo, mudanças marcadas por aglutinações, novas conjunções, por reconfigurações constantes dos cenários, no mundo, no cosmo. Mundo em que as produções – científicas ou não – são marcadas por engendramentos maquímicos do Capitalismo Mundial Integrado, em fluxos e acionamentos visíveis e invisíveis, corporais e incorporais. Nesse sentido, a Ciência e a Pesquisa se fazem por agenciamentos vários e complexos, produzidos simultaneamente, em coletivos existenciais de máquinas duras.

Vários são os pensadores que se debruçam sobre a questão da complexidade da Ciência Contemporânea, mas a visão de complexidade vem sendo atribuída, principalmente a Edgar Morin, com seus estudos sobre a multiplicidade de saberes e a discussão acerca da necessidade de transformação dos métodos investigativos. Esse autor, em seus textos, nos ajuda a compreender a produção de conhecimento como algo inerente ao Universo e suas transformações e, nesse sentido, que traz a marca indelével do caos, como processo intrínseco, não o caos contrário à desordem, mas o caos como complexidades em potencialidade, a partir do que ele chama de *recursão organizacional*.

Se a reforma do pensamento científico não chegou ainda ao núcleo paradigmático em que Ordem, Desordem e Organização constituem as noções diretrizes que deixam de se excluir e se tornam dialogicamente inseparáveis (permanecendo, entretanto, antagônicas), se a noção de caos ainda não é concebida como fonte indistinta de ordem, de desordem e de organização, se a identidade complexa de caos e cosmo, que indiquei no termo *caosmo*, ainda não foi concebida, só nos resta começar a nos engajar, aqui e ali, no caminho que conduz à reforma do pensamento. [grifo do autor] (Morin, 2013, p.8).

Religar os saberes, aproximar as áreas de conhecer e perceber seus atravessamentos são orientações importantes, da visão de complexidade e que encontramos, também no pensamento sistêmico, apresentado por Fritjof Capra (1990, 1991, 1997). Entendo que foram vários conhecimentos paralelos que nos possibilitaram, como humanidade, perceber algumas pistas que expõem a dimensão mais complexa dos processos investigativos e, também, flexibilizaram o processo, em relação a alguns dogmas que vieram à tona com o que se convencionou chamar de Revolução Científica<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Revolução Científica é o nome atribuído à transformação do processo científico, a partir da emergência de algumas teorias, pressupostos epistemológicos e metodológicos, no final do século XVI e início do século XVII. Esse processo teve ilustres representantes, que marcaram a história da humanidade com

As pistas teóricas são muitas, nesse sentido, de trânsito, de mistura, de costura de saberes e de questionamento a respeito da pré-visão, da orientação de planejamento rígido do caminho, o que se convencionou chamar de Metodologia, na perspectiva da Ciência Clássica. Ressalto, neste ponto, as aberturas de visão, possibilitadas pelo estudo dos textos de Capra, em especial nos livros *O Ponto de mutação* (1991) e *a Teia da vida* (1997). O autor ensina as limitações do modelo cartesiano-newtoniano de investigação e apresenta os critérios da visão sistêmica (Capra, 1997, p. 46).

A mudança da visão das partes para o todo e a compreensão de que os sistemas são totalidades integradas, com propriedades não reduzíveis às partes é o primeiro critério. Essa compreensão implica em uma abordagem metodológica que não fragmente o objeto, mas considere os fenômenos em sua totalidade, buscando a compreensão da sua trama de relações. Do ponto de vista técnico, evidencia a necessidade de multiplicação de dispositivos, com o objetivo de abordar, dessa forma, os entrelaçamentos. Quer dizer, o pesquisador precisa saber que qualquer fenômeno, qualquer tema que esteja estudando, é algo complexo e, nesse sentido, precisa ser considerado na sua complexidade, nos seus entrelaçamentos. Assim, é preciso ter paciência, para ir sentindo, apreendendo, compreendendo o 'jeito', captando as evidências e também as sutilezas. E isso não se faz com 'uma técnica', com 'um método'. Isso se faz com uma trama de recursos que, eles próprios, formam a trilha da viagem, a trilha metodológica caosmótica, digamos assim. Como trilha, ela precisa ser feita, mas, vai se delineando mais nitidamente no processo que se estabelece quando o pesquisador sai a campo, 'em viagem'. Esse pesquisador precisa estar atento para as alterações e para o caminho que se mostra, se insinua. O caminho novo, que vai sendo tecido no próprio movimento da pesquisa, deve ser seguido, mesmo que não tenha sido previsto.

Outro critério destacado por Capra trata da capacidade de deslocamento contínuo nos níveis sistêmicos. Nesse caso, é preciso romper com as hierarquizações rígidas e com a fixidez dos pré-conceitos. Desse modo, será possível compreender que o objeto de estudo, o fenômeno estudado, embora tenha padrões de existência a serem percebidos, não é algo fixo, estático, passível de ser conhecido como quem decifra 'uma estante' estruturada em eixos verticais e horizontais, mas é, de fato, algo que se produz sempre movimento, em fluxos fluidos e abstratos, associados às materialidades expressivas. Então, é possível afirmar que existem parâmetros, existem peculiaridades das propriedades sistêmicas de um determinado nível, ou seja, das chamadas propriedades emergentes deste nível, mas esses parâmetros precisam ser conhecidos no acontecimento, na sucessão de acontecimentos e, portanto, da sua matriz de transformação. Aos poucos, de tanto conhecer e estar junto com o que eu chamei há algum tempo de objeto paixão-pesquisa, é possível perceber repetições, identificar que, aqui e ali, brotam evidências, traços que se sobressaem e que podem, por isso, ser sistematizados. Mais uma vez, resalto que isso se dá no processo.

Parece estar clara, portanto, a necessidade de que o planejamento das estratégias de abordagem dos fenômenos seja o que eu venho chamando de *trilha referencial* e não de camisas de força, que muitas vezes endurecem o processo. Deparamo-nos com o desafio de

---

seus conhecimentos revolucionários. Entre eles, está Descartes, com a lógica de fragmentação do fenômeno, em suas unidades básicas; Isaac Newton e a Física Mecânica, com suas proposições sobre o caráter mecanicista dos fenômenos; Francis Bacon e sua orientação reducionista, que marcou a metodologia científica como o caminho criado racionalmente para análise das manifestações concretas do fenômenos. Sobre esse assunto, ver Capra (1990, 1991), Crema (1989) e Boaventura Souza Santos (1997, 1989).

embrenharmo-nos no que eu chamo de *chão de fábrica* (a prática) da pesquisa, para conhecê-lo verdadeiramente e não apenas para confirmar pré-suposições, como parece ser a orientação de alguns pesquisadores, particularmente apegados aos dogmas de uma metodologia quase premonitória. Do ponto de vista técnico-operacional, isto implica em planejamento, sim, mas na sensibilidade para alterações e reconsiderações, quando elas se fizerem necessárias pelas evidências. Também significa estar preparado para a inversão de prioridades, pois, do campo, podem brotar evidências no sentido de que o que se pensou ser um detalhe é, na verdade, a ponta do iceberg, ou a porta da mina de preciosidades da pesquisa.

O terceiro critério apresentado por Capra (1997) envolve a compreensão de que não há partes, mas padrões numa teia inseparável de relações. Portanto, as relações é que são fundamentais. Na década de 1970, Geoffrey Chew, em sua filosofia *bootstrap*, já apresentava o universo como uma “teia dinâmica de eventos inter-relacionados. Nenhuma das propriedades de qualquer parte dessa teia é fundamental; todas elas resultam das propriedades de outras partes, e a consistência global de suas inter-relações determina a estrutura de toda a teia” (*apud* Capra, 1997 p.48). Neste critério, vale destacar, como decorrência, a importância de pensar em termos de redes. Ao mesmo tempo, o critério remete às conexões possíveis graças ao contexto multimidiático, à reconfiguração do cenário econômico no mundo pós-globalização. Além disso, as pesquisas são produzidas e se produzem em conexão com uma teia de saberes. A teia-trama contemporânea em que se produz conhecimento é formada por redes multimidiáticas, redes econômicas, tecnológicas e de saberes. Avanços tecnológicos demonstram, empiricamente, o que os estudos relacionados ao Universo demonstram ser a ‘grande teia’. De novo, o pesquisador se depara com o desafio de trabalhar com as relações.

Nesse sentido, uma das grandes dificuldades, na produção da pesquisa, é o processamento adequado dos dados obtidos, no que tange ao seu cruzamento. Há muitas pesquisas, com excelente nível de dados coletados, mas com grandes deficiências no que tange à explicitação das suas relações. Assim, se tudo está conectado com tudo, como separar, como demonstrar nosso foco, o problema que estamos analisando? Eis uma das questões. Há aqui, então, a demanda de um esmero na descrição dos dados, de modo a apresentá-los na sua complexidade. Essa descrição, por sua vez, precisa ser coerente com o que eu chamo de *narrativa do texto acadêmico*, quer dizer, tem que seguir uma linha da história, um trajeto que o pesquisador vai traçando e refazendo ao longo da pesquisa. Esse trajeto é colocado em xeque em vários momentos e testado várias vezes, no percurso, até que se esboce um desenho do percurso. É o que eu chamo *esqueleto do sumário*. Assim, desenvolve-se um argumento<sup>5</sup>, um resumo da narrativa, que vai ser posteriormente desenvolvido, em capítulos, platôs, paradas da viagem, enfim, em momentos delineados para sinalizar a viagem investigativa.

Fundamental, como critério sistêmico, também, a ruptura com a concepção tradicional de objetividade científica. “Quando percebemos a realidade como uma rede de relações, nossas descrições também formam uma rede interconectada de concepções e de modelos” (Capra, 1997, p. 48). Trata-se da mudança da ciência objetiva para a epistêmica, onde a epistemologia integra a teoria científica. Esta mudança representa a necessidade de um aprofundamento da reflexão sobre a produção, sobre o fazer ciência, rediscutindo os lugares de onde se parte, bem como os explicitando. Lembro Martin-Barbero (1997), quando ele propõe que, diante das incertezas, devemos refazer os mapas de conceitos básicos e que isto não é possível sem

---

<sup>5</sup> A expressão aqui está sendo utilizada no sentido expresso por Doc Comparato (1993).

mudar o lugar desde o qual se formulam as perguntas. “Um mapa, não para fuga, mas para o reconhecimento da situação desde as mediações e os sujeitos” (Idem, p. 229).

O quinto critério da visão sistêmica nos fala sobre a compreensão do limite de todas as concepções e de todas as teorias científicas. Estas passam a ser vistas como limitadas e aproximadas. “A ciência nunca pode fornecer uma compreensão completa e definitiva” (Capra, 1997, p.49). Isto nos leva, na questão metodológica, a repensar a instância teórica, principalmente a tendência de adoção cega de visões de mundo, incorporando-as integralmente às peculiaridades de um objeto construído. Desse modo, a orientação teórica direciona-se para o que eu chamo de ‘costura de saberes’ que implica, pela sua construção, numa espécie de jogo de escolha múltipla, envolvendo especificidades difíceis de serem contempladas por apenas uma visão teórica. O pesquisador, em certo sentido, é um artesão, que vai tecendo os saberes, a partir de uma trama de fios, entre eles, os múltiplos saberes dos ‘outros’.

O próximo critério está relacionado à lógica processual – a estrutura do sistema vista como manifestação de processos subjacentes. O aspecto processual foi enfatizado por Ludwig von Bertalanffy<sup>6</sup> no final da década de 1930 e, depois, explorado pela Teoria Cibernética, na década de 1940. Em síntese, temos aqui o desafio de abordagem dos fenômenos em sua dinâmica, como processo de vida, considerado em suas mais complexas dimensões, inclusive a dos processos subjacentes, não apenas os nítidos, explícitos claramente, não apenas os processos da expressão de superfície concreta. Do ponto de vista da metodologia, este critério relaciona-se diretamente ao seguinte, qual seja, o caráter efêmero / mutação – compreensão dos sistemas abertos, que precisam de um contínuo fluxo de matéria e de energia, extraídas do seu ambiente. Sobre os sistemas abertos, Bertalanffy ensina que eles se caracterizam por um equilíbrio dinâmico, que ele chamou de ‘equilíbrio fluente’. Capra (1997) acrescenta que “os sistemas abertos se mantêm afastados do equilíbrio, nesse ‘estado estacionário’ caracterizado por fluxo e mudança contínuos” (p.54). Observo, a partir desses critérios, que é fundamental abrir mão da tendência de buscar o controle total do processo de pesquisa, o que se tentou através da rigidez das definições do método.

Capra se refere também à dimensão de entropia (desordem) nos sistemas, como outro critério. Todos os pesquisadores vivem sob a caosose informacional e a imensidão de dados que nos sobrecarregam e tantas vezes paralisam. Como processar tudo isso? Como sobreviver ao tsunami de informações e pistas a respeito do fenômeno com o qual lidamos? Nesse sentido, a facilidade de acesso às informações, a uma enorme quantidade de informações, pode mais estontear que esclarecer. O desafio aqui, então, é o desenvolvimento da capacidade de convivência com o caos informacional. Os dados obtidos em uma investigação são muitos, múltiplos, não controláveis totalmente e, pela grandiosidade de seu volume, muitas vezes ‘entopem’ o sujeito, a pesquisa. Travam o processo. Metodologicamente, aqui, o desafio é ficarmos atentos ao que Morin (1991) chama de “recursão organizacional” (p.89), muito bem representado pelo autor pela metáfora do redemoinho. Como vem sendo salientado, este autor é referência importante quanto à flexibilização do processo de busca de conhecimento, considerando a incerteza como algo inerente. Segundo ele, a complexidade pode ser pensada com base em três princípios: o diálogo, a recursão organizacional e o princípio hologramático.

---

<sup>6</sup> Este biólogo austríaco é conhecido por ter sistematizado os primeiros princípios de organização dos sistemas vivos. Há, no entanto, registros de que Alexander Bogdanov, médico, filósofo e economista russo, concebeu uma teoria geral dos sistemas, intitulada Tectologia, entre 1912 e 1917. Tectologia, do grego *tektōn* = construtor, pode ser traduzida como ‘ciência das estruturas’ (Capra, 1997, pp.50-51).

A idéia recursiva é portanto uma idéia em ruptura com a idéia linear de causa/efeito, de produto/produtor, de estrutura/superestrutura, uma vez que tudo o que é produzido volta sobre o que produziu num ciclo ele mesmo autoconstrutivo, auto-organizador e auto-produtor (Morin, 1991, p. 90).

Trata-se de lidar com o caos decorrente da entropia informacional, mas considerando o efeito redemoinho, observando onde ocorrem as recursões organizacionais, para, a partir daí, construir nossas representações do real. “A ordem e a desordem são dois inimigos: um suprime o outro, mas ao mesmo tempo, em certos casos, colaboram e produzem organização e complexidade” (Morin, 1991, p.89).

Por fim, pode-se acrescentar um aspecto decorrente dos critérios – mas não menos importante. Defino este aspecto da seguinte maneira: a ciência se sensibiliza. Na medida em que o sujeito cientista tem que captar o real também a partir de dimensões sutis, sensíveis, abstratas, dos fluxos que o compõem, que compõem os universos da significação, a demanda extrapola o reducionismo objetivista. É disso que trata, por exemplo, Edvaldo Pereira Lima (1994), quando cita o russo P. D. Ouspensky, para lembrar a expressão ‘homem dormindo’, que representa o estado de letargia a que foi condenado o sujeito moderno. O sujeito que não enxerga a si mesmo. O sujeito que transformou as ‘ferramentas-técnicas’ para compreender o real em espécies de engrenagens mecânicas. Lima (1994) fala do paradigma reducionista como aprisionamento dos sentidos, deixando o ser humano “estrangeiro de si mesmo, reduzido a uma porção diminuta de sua auto-consciência. A emoção genuína perdeu espaço no gelo cirúrgico da lógica e a apreensão intuitiva definiu-se diante da impotência totalitária do raciocínio linear” ( p.191).

### **TRILHAS ‘INSCRIACIONAIS’ DA CARTOGRAFIA DE SABERES**

O cenário da ciência transdisciplinar caosmótica exige outro tipo de pesquisa, em termos de operacionalização. Nesse sentido, proponho que o trabalho da pesquisa deve ser iniciado em várias frentes, em várias trilhas investigativas, como venho chamando. O processo de investigação é o de investimento desejante, na busca de conhecimento. Trata-se de uma viagem investigativa em que o pesquisador se reinventa, se re-nova, se re-faz. A partir deste momento do texto, apresento as trilhas que esbocei, para a proposição da Cartografia de Saberes, na prática da pesquisa. Há, neste trecho, a intenção de partilhar pistas em relação aos procedimentos da pesquisa, o que torna a linguagem mais voltada ao ‘como compor’ cada trilha, como percorrê-la, na constituição da trama caosmótica a que me referi teoricamente no item anterior.

A primeira trilha que recomendo é a de saberes pessoais. Quer dizer, para começar a pesquisar, o investigador deve procurar refletir sobre o que sabe sobre o assunto. Precisa refletir e fazer vir à tona, à consciência. Quem escolheu um assunto para pesquisar é porque ‘sabe algo’ sobre isso – mesmo que intuitivamente. O pesquisador iniciante nem sempre tem claro quais são os referenciais teóricos, as teorias entrelaçadas na proposição do problema de pesquisa, mas, se buscar com atenção dentro de si mesmo, vai conseguir encontrar os seus próprios saberes, seus pensamentos e seu sentimento a respeito das temáticas envolvidas na proposição do problema de pesquisa. Então, deve começar escrevendo uma frase que defina o que quer estudar e, feito isso, identificar quais são os ‘conceitões’ (as palavras-chave desse objeto). Em seguida, deve se autorizar a escrever textos sobre as temáticas envolvidas nesse objeto de estudo. Escrever para botar para fora o que pensa sobre cada um desses assuntos.

Estes textos são livres, uma espécie de sondagem de si mesmo, sem julgamento. Eles vão ajudar o próprio aluno a se dar conta a respeito do que sabe, do que pensa e do seu interesse de direcionamento da sua prosa e, também, o orientador a ter um ponto de partida, ou seja, a se situar em relação ao conhecimento/pensamento/sentimento do pesquisador iniciante.

A próxima trilha investigativa (área) a ser cartografada são os saberes teóricos. Então, se o pesquisador já escolheu o assunto, sabe as temáticas envolvidas. Essas temáticas são trilhas investigativas, que precisa percorrer. Além dos saberes pessoais, vai precisar buscar teoria, a respeito dessas temáticas. Vai buscar os saberes dos outros, em textos que tragam informações a serem trabalhadas para acrescentar aos seus saberes pessoais. Então, uma vez definidas as temáticas inerentes ao objeto (quer dizer, uma vez reconhecidos os 'conceitos', núcleos conceituais que eu chamo de trilhas investigativas), proponho que o pesquisador monte um quadro com os assuntos e as referências teóricas encontradas sobre cada um deles. Esse quadro é importante, porque ajuda a visualizar a cartografia teórica e suas linhas investigativas. Para cada subtemática expressa nas palavras-chave, o pesquisador deve ter referências bibliográficas que direcionem o trabalho teórico. Trata-se, aqui, também, de um quadro-esboço cartográfico que se refaz o tempo todo, destacando os textos já lidos, já trabalhados efetivamente.<sup>7</sup>

Depois, a terceira trilha é o que eu chamo de *laboratório de pesquisa*, que envolve a criação de situações para que o pesquisador viva a pesquisa. Na perspectiva de um objeto paixão-pesquisa, não é possível decidir se essa paixão é válida, se faz sentido, se vai dar certo, se não houver uma vivência compartilhada. Quer dizer, quem quer começar a fazer uma pesquisa, precisa iniciar, também, com prática. Então, dependendo do assunto, vai poder pensar algumas situações concretas que permitam entrar em contato direto com o que está estudando, com o que pretende abordar. Isso vai depender do tipo de pesquisa, do objeto de estudo, mas sugiro observação sistemática, conversas informais, exploração preliminar de materiais e/ou documentos, enfim, devem ser acionadas técnicas de aproximação com o fenômeno a ser estudado. Destaco, no entanto, que essas experiências devem ser registradas, sempre, em um Diário de Campo, uma espécie de diário de bordo, dessa viagem intelectual, que é o conhecimento produzido na pesquisa.

Chamo a atenção para o fato de que muitos pesquisadores fazem o laboratório, sem perceber, sem saber, sem técnica, sem registrar o que foi feito. Quer dizer, vivem momentos e atividades de aproximação com o que estão estudando, às vezes envolvendo deslocamentos até o local a ser pesquisado, para conhecer; visitas preliminares, sem fazer registros desses primeiros contatos. Sem registrar antes, durante e depois dessas aproximações, sem considerar que isso já é a pesquisa, ainda que não a resultante de procedimentos metodológicos rígidos, definidos *a priori*, com base em modelos e modelizações metodológicas cristalizadas em área mais tradicionais. Essas metodologias tradicionais são válidas como conhecimento, mas sua expressão geralmente é complexificada e rígida demais, dificultando a vida do pesquisador iniciante (e às vezes não só do iniciante), que encontra, diante de si, uma realidade viva, pulsante e inovadora, no sentido do 'acontecimento do fenômeno'.

Nesse sentido, deve-se ter em conta que novas pesquisas são novas viagens investigativas e, como tal, devem ter suas orientações estratégicas de viagem próprias, esboçadas pelos próprios pesquisadores-viajantes. Isso significa dizer o óbvio: metodologias também têm seu

---

<sup>7</sup> A propósito de documentação, são particularmente interessantes os textos de Umberto Eco (2002), *Como se faz uma tese* e Antonio Joaquim Severino (2001), *Metodologia do trabalho científico*.

tempo e seu espaço. À medida que tudo está em movimento, no universo, a metodologia também deve mudar e adequar-se à mudança da paisagem caosmótica. Assim, deve-se ir a campo, até para saber quais serão nossas escolhas e para ter segurança para fazer as escolhas, para priorizar o que coletar, posteriormente, mais detidamente, com foco alinhado aos objetivos. Isso não se decide só lendo, assistindo aulas, conversando com o orientador ou pensando. As decisões de campo precisam ser tomadas com base em saberes que emergem do próprio campo da pesquisa.

Por fim, recomendo, também, atenção para o que eu chamo de *pensamentos picados*. A pesquisa, o conhecimento não se produz apenas na consciência, nas instâncias do pensamento racional. Quando alguém investiga, esse sujeito investe-se em direção ao objeto paixão-pesquisa e isso significa que o sujeito todo pesquisa e vibra com a investig[ação]. Assim, é comum que as soluções, os desfechos da pesquisa surjam em momentos em que ocorre uma espécie de *click*, aqueles momentos em que uma ideia parece brotar de dentro do sujeito, meio que do nada, como se saltasse do inconsciente. Isso é o que eu chamo de *pensamentos picados*, pensamentos que saltitam em nós, como se fossem picadas de um inseto criação. Atento aos processos caosmóticos também internos, o pesquisador deve estar sempre pronto a registrar essas brotações autônomas, para, com elas, em grande parte das vezes, puxar fios que ajudam a desenvolver as trilhas de saberes necessários para amarrar a proposição da monografia, dissertação ou tese. O conhecimento e os textos científicos brotam do corpo todo, dos sentidos, dos afetos, das afecções e, tantas vezes, dessas instâncias inarticuladas, para lembrar Anton Ehrenzweig (1997a, 1997b), dos fluxos incorporais a-significantes, no dizer de Guattari (1992), conseguimos obter intensidades informacionais que direcionam o conhecimento realmente para regiões até então desconhecidas.

Artistas, poetas, pensadores, cientistas voltados ao universo abstrato têm sugerido o registro sistemático das ideias que emergem em momento de fluxos do inconsciente. Doc Comparato (1983), por exemplo, autor do livro *Roteiro: a arte e a técnica de escrever para cinema e televisão*, ressalta que ideias valem ouro. Então, lembra que é preciso registrá-las, para não perdê-las. Minha sugestão é: registre sempre, depois você pensa e decide se vai usar. Mais tarde, você seleciona esse 'ouro', se for o caso e pode escolher se entrega/mostra para alguém ou não, se inclui ou não em algum projeto de pesquisa ou produção científica. Só que, se a ideia não for registrada na hora, em muitos casos, ela não é mais resgatada, ou pode vir em fragmentos, com intervalos que seriam importantes para o rumo da investigação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas trilhas preliminares vão ajudar a compor o desenho inscriacional da trama de trilhas da cartografia de saberes para a pesquisa em Turismo. Acionadas essas quatro trilhas, o sujeito vai avançando no conhecimento e tende a se sentir mais seguro para fazer escolhas e esboçar um desenho da monografia, dissertação ou tese, dependendo do seu estágio como investigador. Esse desenho implica contrapor os conceitões (palavras-chave) iniciais e os objetivos, para a definição de outro viés da cartografia que são as linhas de procedimentos a serem combinados, para a produção da pesquisa e obtenção dos resultados finais. Retomando: o pesquisador definiu o objeto paixão-pesquisa. Essa definição está expressa em uma frase, com algumas palavras-chave. Essas palavras são os nós, que acionam trilhas investigativas.

Ao acionar a cartografia, o pesquisador percorre essas linhas, aprende mais sobre elas e sobre suas implicações pessoais, sociais, teóricas e técnicas, bem como metodológicas. Aí, sim, pode fazer escolhas, mas essas escolhas precisam ser feitas, com base em todo o conhecimento produzido até então, mas estreitamente vinculadas ao que são os objetivos com a pesquisa. Então, considerando os objetivos da pesquisa e o conhecimento adquirido até então, o pesquisador elenca procedimentos prioritários, relacionados ao foco do estudo. Esses, sim, precisarão ser aprofundados em termos de teorias relacionadas e técnicas procedimentais utilizadas, bem como a pertinência para o universo da investigação.

Quer dizer, precisamos cotejar/contrapor nossas proposições metodológicas com o que já existe de teoria e explicação sobre os procedimentos. Existe algo escrito sobre esses métodos? Quais autores e pesquisas se aproximam do que estou propondo? Que diferenças existem entre o que já foi realizado e o que eu proponho e quais são os motivos e justificativas que me levam a propor algo diferente? Desse modo, sim, tendemos a contribuir para o avanço da Ciência, no nosso caso, avanço da produção científica em Turismo.

## REFERÊNCIAS

- Baptista, M. L. C. (2012). Amorcom! Inscricionices investigativas. Pressupostos de investigação em Comunicação, na perspectiva da amorosidade e da autopoiese. *Anais... Encontro Nacional da Rede de Grupos de Pesquisa*, 1. Itapeverica da Serra.
- Baptista, M. L. C. (2011). Espelho, espelho meu: 'inscricionices' de jornalistas e a imagem de si. *Anais... Seminário Nacional de Ensino De Jornalismo*, 2, Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná.
- Capra, F. (1997). *A Teia da vida*. Uma nova compreensão dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix.
- Capra, F. (1991). *O Ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix.
- Capra, F (1990). *O Tao da Física*. Um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. São Paulo: Cultrix.
- Crema, R. (1989). *Introdução à visão holística*. breve relato de viagem do velho ao novo paradigma. São Paulo: Summus.
- Comparato, D. (1983). *Roteiro*. A arte e a técnica de escrever para cinema e televisão. Rio de Janeiro: Nórdica.
- Eco, U. (2002). *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva.
- Ehrenzweig, A. (1977a). *A Ordem oculta da arte: A psicologia da imaginação artística*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Ehrenzweig, A. (1977b). *Psicanálise da percepção artística: Uma introdução à teoria da percepção inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- Guattari, F. & Deleuze, G. (1995). *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. Vol 1. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Guattari, F. (1992). *Caosmose*. Um novo paradigma ético-estético. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Guattari, F. (1987). *Revolução molecular*. pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1986). *Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Lima, E. P. (1994). *O tao entre nós*. São Paulo: Com-arte.
- Lopes, M. I. V. (2005). *Pesquisa em Comunicação*. Formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola.
- Martín-Barbero, J. (1997). *Dos meios às mediações*: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Morin, E. (2013). *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (1991). *Introdução ao pensamento complexo*. São Paulo: Instituto Piaget.
- Rolnik, S. (1989). *Cartografia sentimental*: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade.
- Santos, B. S. (1997). *Um discurso sobre ciências*. Porto: Afrontamento.
- Santos, B. S. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal.
- Severino, A. J. (2001). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez-Autores Associados.

#### **OUTRAS LEITURAS RECOMENDADAS**

- Baptista, M. L. C. (2013). Afetiv(Ações) do texto-trama no Jornalismo. Ensino e produção de textos jornalísticos e científicos, em tempos de caosmose midiática, 2013. *Anais...* Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (Fnj). Encontro Sul-Brasileiro de Professores de Jornalismo, 2. Encontro Paranaense de Ensino de Jornalismo, 5. Ponta Grossa.
- Baptista, M. L. C.; Souza, R. A. & Prates, L. A. (2013). Relatos de inscriacionices investigativas e de amorosidade na pesquisa jornalística. *Anais...* Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (Fnj). Encontro Sul-Brasileiro de Professores de Jornalismo, 2. Encontro Paranaense de Ensino de Jornalismo, 5. Ponta Grossa.
- Baptista, M. L. C. (2012). Espelho, espelho meu: 'inscriacionices' de jornalistas e a imagem de si. *Anais...* Colóquio Brasil-Estados-Unidos de Estudos da Comunicação, 5. Chicago, Depaul University, College of Communication.
- Baptista, M. L. C. (2012). Espelho Quebrado. Cadê o Desejo? Reflexões sobre estilhaçamentos especulares da imagem jornalística. *Anais...* Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, 14, Universidade Federal de Uberlândia.

Baptista, M. L. C. (2012). Da paixão-pesquisa ao Amorcom! Relato de amorosidade e autopoiese no ensino desejante da comunicação. *Anais... Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul/ Interfaces Comunicacionais*, 13. Recuperado em 9 mar 2014, de <http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=49640>.

Baptista, M. L. C. (2012). Imagem, sujeito e mídia. *Anais... Seminário Temático Globo/Intercom 2012*, 6: Esportes na Idade Mídia: diversão, informação e educação. Rio de Janeiro.

Baptista, M. L. C. (2012). Afetiv(ações) comunicacionais: Trilhas de espelhos, desejos e autopoiese. *Anais... Encontro Nacional da Rede de Grupos de Pesquisa*, 1. Itapeverica da Serra.

Baptista, M. L. C. (2012). Amorcom e o ensino de Jornalismo. Produção de platôs de agenciamento de espelhos, desejos e autopoiese. *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo*, Brasília, 2(11), pp. 24-40, jul./dez.

Baptista, M. L. C.. (2011). Jornalismo: “Emoção pra valer!”. Psicocomunicação no ensino de jornalistas mais humanos. In: Dornelles, B. & Gerbase, C. (org.). *Papel e película queimam depressa: como o cinema e o jornalismo impresso tentam escapar da fogueira midiático novo século*. Porto Alegre: EDIPUCRS. Recuperado em 9 mar 2014, de <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0143-8.pdf>.

Baptista, M. L. C. (2000). *O sujeito da escrita e a trama comunicacional*. Um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, Brasil.

Guattari, F. Linguagem, consciência e sociedade. In: Lancetti, A. (1990). *Saúde Loucura*, n. 2. São Paulo: Hucitec.

Guattari, F. (1988). *O inconsciente maquínico*. Campinas: Papirus.

Guattari, F. (1981). *As três ecologias*. Campinas: Papirus.

Lima, E P. (2004). *Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura*. São Paulo: Manole.

**Recebido: 10 MAI 2014**

**Revisões pelo autor: AGO-SET 2014**

**Aceito: 9 OUT 2014**